

APRESENTAÇÃO

Escrever sobre a história dos povos indígenas no Brasil tem sido um desafio, até algumas décadas atrás, deixado a cargo de muito poucos historiadores. Nos últimos anos, a historiografia sobre essa temática tem florescido, abrindo novas fronteiras, desbravando acervos documentais antes pouco explorados, revelando uma riquíssima face da História do Brasil e das Américas. Os desafios metodológicos são análogos aos da historiografia sobre escravidão e gênero. Quanto mais o historiador se afasta do tempo presente, maiores as dificuldades em encontrar fontes escritas pelos próprios agentes estudados. Isso não impede a historiografia de tentar perscrutar não apenas os fatos fundamentais da história desses povos – fatos muitas vezes pouco conhecidos e, portanto, irredutíveis ao desprezo geralmente relegado à chamada “história factual” – mas também buscar entender os acontecimentos da perspectiva dos próprios povos indígenas. Esses povos vivenciaram um processo brutal de colonização. Mas também foram agentes de sua própria história. Participaram ativamente dos processos históricos nos quais estavam imersos. Geraram mudanças e contribuíram para permanências. Foram capazes de resistir e agir.

A Revista *Clio-Série Histórica*, do Curso de Mestrado e Doutorado em História da UFPE orgulha-se assim de apresentar este exemplar com um dossiê sobre a História dos Povos Indígenas no Nordeste. São 13 artigos sobre uma grande variedade de temas, cobrindo

um amplo espectro temporal e geográfico. No cerne dos trabalhos, a convicção de que os povos nativos foram agentes e sujeitos de suas próprias histórias. Foram capazes de agir sobre suas respectivas realidades e interpretar, às suas maneiras, o mundo em que viviam, inclusive as alternativas políticas e econômicas que se punham diante deles. Particularmente importante nesta coletânea é a relativa concentração de estudos sobre o período colonial e imperial no Brasil. Não que tenhamos qualquer birra com a contemporaneidade, o que, aliás, pode ser comprovado pelos próprios trabalhos aqui apresentados que deságuam no século XX e mesmo XXI. Mas devido ao desafio que é fazer a história dos “povos sem história”, como afirmou Eric Wolf, numa época distante no tempo, sobre comunidades e povos ágrafos, quando já não é mais possível ouvir os próprios agentes sobre os quais se escreve. Estudar os povos nativos na Colônia e no Império, portanto, é vencer os obstáculos metodológicos que apontamos.

A revista abre com um artigo de Maria Hilda Baqueiro Paraíso e Pablo Antônio Iglesias Magalhães sobre a atuação e relevância dos contingentes indígenas na resistência lusitana durante a invasão holandesa a Salvador em 1624, causando perplexidade entre os batavos. O texto seguinte, de Edson Silva, discute a memória nativa sobre a Guerra do Paraguai, contribuindo para o estudo da identidade indígena e sua luta pela terra até a contemporaneidade. Patrícia Pinheiro de Mello aborda as formas de resistência sub-reptícias dos índios no Nordeste colonial, análogas ao que ocorria na América hispânica. Ricardo Pinto de Medeiros trabalha com o contato no sertão da Paraíba, identificando os principais grupos étnicos envolvidos no processo. Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas aborda o problema da construção do sujeito nas narrativas orais indígenas, comparando grupos nativos em Pernambuco e Roraima até a contemporaneidade. Antonio Jorge Siqueira discute a violência contra os nativos, no momento em que se institucionalizava o sistema de posse e uso da terra no Brasil Colônia. Rômulo Xavier investiga as relações dos Tupis e dos chamados Tapuias com a Companhia das Índias Ocidentais em Pernambuco. Juliana Elias trata da linhagem de Felipe Camarão, que adquiriu importância a partir da necessidade de proteção da Colônia. Jaci Guilherme Vieira investiga os Macuxi e Yapixana, como atores na construção e permanência do projeto português de colonização

num dos pontos mais extremos do país, o vale do rio Branco. Geyza Kelly Alves da Silva analisa os Potiguara e Tabajara em Pernambuco colonial em suas estratégias de sobrevivência e resistência. Anna Elizabeth Lago enfoca o Diretório Pombalino em Pernambuco e Capitânicas Anexas, como mecanismo regulamentador do trabalho e da vida dos povos indígenas. Marcus J. M. de Carvalho enfoca as próprias matas, onde habitavam palmarinos, índios e cabanos em suas intensas e complexas relações entre si e com o mundo exterior. Juciene Apolinário, discute as resistências indígenas contrárias a efetivação do Diretório Pombalino na Capitania de Goiás.

Afora o dossiê, completam a Revista o artigo de Gisafran Nazareno Mota Jucá que trata das possibilidades da ego-história como opção metodológica, o artigo de Robson Pedrosa Costa sobre o cotidiano do trabalho escravo em Olinda/PE no Século XIX, e a resenha de Edson Silva sobre o livro *A Santa Cruz do Deserto: a comunidade igualitária do Caldeirão: 1920-1937*, de Tarcísio Marcos Alves.

Praticamente todos os trabalhos apresentados no dossiê buscam descrever, interpretar e qualificar as identidades dos povos indígenas, em suas contradições e multiplicidades, contribuindo não apenas para entendê-los em seus próprios termos, mas também para melhor explicar os processos de resistência desses povos. Resistência complexa, já que é impossível reduzi-la a um processo linear, unívoco e maniqueísta. Houve alianças complexas e contraditórias, tanto com portugueses, quanto com holandeses, isso sem falar das múltiplas interações entre os próprios povos nativos, gerando outras tantas formas identitárias multifacetadas. É inevitável também, o enfoque comparativo nesses textos, demonstrando a imensa variedade dos povos envolvidos no processo de ocupação e construção do Brasil atual. Processo sobre o qual atuavam instituições complexas, dos diretórios aos aldeamentos indígenas, passando por outras formas de ordenamento do espaço e do trabalho indígena na contemporaneidade, que por mais que tentassem engessar a vida humana em modelos pré-concebidos, não conseguiram impedir que os povos nativos fizessem escolhas e atuassem de acordo com elas.

A Clio cumpre assim, mais uma vez, sua missão contribuindo efetivamente para o avanço do debate historiográfico sobre uma temática relevante e desafiadora, instigante e surpreendente, provocando outros olhares para antigos e novos acervos documentais. Esperamos, portanto, que esse exemplar sirva para fomentar a discussão, encorajando novas pesquisas.

Marcus J. M. de Carvalho
Edson Silva